Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Carolina de Roig Catini

A escola como forma social:
Um estudo do modo de educar capitalista

São Paulo
2013

Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

Carolina de Roig Catini

A escola como forma social:
um estudo do modo de educar capitalista

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação USP, para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Estado, Educação, e Sociedade.

Orientação: Profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (FEUSP). Co-Orientação: Jorge Luis da Silva Grespan (FFLCH)

São Paulo
2013

VERSÃO CORRIGIDA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

377.342 Catini, Carolina de Roig

C364e A escola como forma social: um estudo do modo de educar capitalista / Carolina de Roig Catini; orientação Carmem Sylvia Vidigal Moraes, co-orientação Jorge Luis da Silva Grespan. São Paulo, 2013.
258 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Estado, Educação e Sociedade -- Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo)

1. Capitalismo – Educação - História 2. História da educação 3. Educação – Aspectos sociais 4. Reforma educacional 5. Direito à educação 6. Escola pública I. Moraes, Carmen Sylvia Vidigal, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

CATINI, CAROLINA DE ROIG.

A escola como forma social: uma crítica ao modo de educar capitalista.

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação USP, para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Estado, Educação, e Sociedade.

Aprovada em: 23/09/2013.

Prof.Dr. Gaudêncio Frigotto

Instituição: UERJ

Prof.Dr. Amarílio Ferreira Junior

Instituição: UFSCAR

Prof.Dr. José Sergio Carvalho Fonseca

Instituição: FEUSP

Prof.Dra: Denice Barbara Catani

Instituição: FEUSP

Prof.Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes

Instituição: FEUSP

*Ao avô Catini, velho Antônio que partiu há pouco.
Que sua generosidade inspire a nós que aqui estamos.*

“O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida, a classe combatente. Em Marx ela se apresenta como a última classe escravizada, a classe vingadora que, em nome de gerações de derrotados, leva a termo a obra de libertação. Essa consciência que, por pouco tempo, se fez valer ainda uma vez no ‘Spartacus’, desde sempre escandalizou a socialdemocracia. No decurso de três decênios, a socialdemocracia quase conseguiu apagar o nome de Blanqui, cujo som de bronze abalara o século anterior. Ela teve prazer em atribuir à classe trabalhadora o papel de redentora das gerações futuras. Com isso, lhe cortou o tendão da melhor força. Nessa escola a classe trabalhadora desaprendeu tanto o ódio quanto o espírito de sacrifício. Pois ambos se nutrem da visão dos ancestrais escravizados, e não do ideal dos descendentes libertados”.

Walter Benjamin

AGRADECIMENTOS

À Carmen Sylvia pela orientação, em meio a tantas atribuições da vida acadêmica.

Ao Jorge Grespan, pela co-orientação. A ele e à Denice Catani pela presença na banca de qualificação, e pelas boas conversas durante a pesquisa, pelas aulas que desde a graduação foram fontes de reflexão, e cujas propostas de interpretação – de Marx e do marxismo de um lado, e sobre a educação, de outro – tiveram grande influência em minha formação.

No mesmo sentido, agradeço outros professores da Feusp, com os quais encontrei possibilidade de diálogo e incentivo aos estudos marxistas, mesmo que isso significasse “sair do foco” das linhas dominantes das pesquisas em nosso ambiente. Dentre eles, gostaria de mencionar José Sergio Carvalho, Elie Ghanem, Romualdo Portela Oliveira, Rosangela Prieto, Paula Vicentini, Valdir Cauvill, Leandro de Lajonquière, Afrânio Catani, Cesar Minto, Rubens Camargo, Celso Beiseguel. Outros professores também marcaram o meu processo de formação, e me proporcionaram uma forma especial de acessar a teoria crítica e marxista, em aulas, grupos de estudo, conversas e outras atividades de formação, como Ricardo Musse, Eleutério Prado, Paulo Arantes e João Bernardo.

Aos amigos da Faculdade de Educação, com os quais tive momentos de formação muito relevantes, em grupos de estudos e diversos outros lugares de debates sobre educação. Às educadoras e educadores com os quais trabalhei junto e aprendi muito.

Aos funcionários da pós-graduação e das secretarias dos departamentos da Feusp, que estiveram sempre dispostos a driblar as barreiras da burocracia, diminuindo as dificuldades da vida acadêmica.

À Yanina Stasevskas, por tantas boas conversas, das quais só caberia recordar aqui daquelas benjaminianas, sobre a educação ou sobre a conjuntura.

Aos amigos Julia, Cássio, Miguel, Antônio, Carol, Daniel, Fred, Mamá, Teresa, Fabião, pela maneira que compartilhamos intensamente momentos importantes da vida, o que tornou impossível perdemos a força de um vínculo e de um companheirismo que ganhamos naquele tempo. Pelas mudanças que somos capazes de empreender. À Carol e Julia pelas discussões importantes para (re)começar a escrever, ao Fabio Pitta e Cassio Boechat pela leitura e correção de trechos da tese, a todos eles pela disposição de sempre compartilhar reflexões críticas.

Aos camaradas com quem compartilho na prática o desejo sempre renovado de mudar o rumo das coisas, pela confiança e ousadia que temos construído.

À minha família, com carinho. Ao Bernardo que chegou para alegrar a todos.

Ao Guto, com amor imenso. Pela sua leitura e correção completa da tese, mesmo em tempos de intensa agitação na cidade e de cansaço profundo, o que foi apenas mais um exemplo de sua atitude persistente e incansável de dedicação e companheirismo. Por ter iniciado junto a ele, naqueles anos iniciais de faculdade, há mais de 10 anos, os estudos de Marx, uma vida comum e pelo modo que construímos tudo isso, que nos faz sentir tão profundamente ligados. Pela nossa sempre renovada decisão de permanecer juntos, e compartilharmos o enfrentamento diário às formas de vida nas quais estamos inseridos, e que também estão dentro de nós. Pela postura radical contra o conformismo, que a tantos inspira.

A pesquisa contou com financiamento da CAPES e da FAPESP.

RESUMO

CATINI, C.R. Escola como forma social: um estudo do modo de educar capitalista. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.

A tese aqui apresentada consiste num esforço para apreender os nexos entre escola e relações sociais capitalistas. Partimos da compreensão do capital não apenas como elemento econômico, mas como relação social que tende, contraditoriamente, a subsumir as diversas esferas da vida social, ao mesmo tempo em que permite e exige a *autonomização* de cada uma dessas esferas. Nesse sentido, debruçamo-nos sobre a relação entre a generalização da forma escola e da forma mercadoria, à luz de uma tendência - característica da formação social capitalista - de *subjetivação* das formas e de *coisificação* dos conteúdos, que corresponde ao conceito de *fetichismo* do capital. Procuramos desnaturalizar a forma escolar por meio do estudo de seu processo histórico de constituição, com ênfase em alguns momentos específicos, como o da reação estatal às lutas anarquistas do início do século XX, e as subsequentes reformas educacionais dos anos 1920. Analisamos a crescente importância da escola na formação da massa de trabalhadores assalariados, reificados pela condição de *vendedores de sua força de trabalho*, mas também de *sujeitos de direito*. Assim, fomos levados a tratar da imbricação entre a forma escolar e o Direito, fundamentado nas relações mercantis, na propriedade privada, e nos processos de expropriação dos trabalhadores como produto da acumulação de capital. Internamente à escola, investigamos a incorporação do tempo abstrato, bem como o desenvolvimento da *divisão do trabalho*, da *didática*, e das *formas disciplinares*, tudo isso em articulação com tendências de racionalização, de desenvolvimento das forças produtivas e da consequente simplificação do trabalho. Onde se explicita a prevalência da *forma* sobre a *formação*, como tendência inerente ao modo de educar capitalista. Ademais, tratamos brevemente de algumas distinções entre os processos de escolarização das camadas mais abastadas da população e do grosso da população trabalhadora, fruto da clivagem entre escola pública e privada, também fundamentada em relações de propriedade. Por fim, sem negar a relevância das lutas travadas historicamente com vistas à universalização do direito à educação e por melhores condições de escolarização para a população trabalhadora, enfatizamos os riscos de se limitar as lutas aos marcos institucionais, argumentando que, quando desacompanhadas da construção de experiências educativas autônomas, e portanto desprovidas de um caráter tático, tais lutas conduzem a um esvaziamento dos potenciais revolucionários da organização dos trabalhadores.

Palavras-chave: História da Educação, Capitalismo, Escola, Forma Social, Direito, Fetichismo.

ABSTRACT

CATINI, C.R. The school as a social form: an study of the capitalist mode of educating. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2013.

The present thesis consists in an effort to apprehend the nexuses between school and capitalist social relations. We start from the understanding of capital not only as an economic element but as a social relation that tends, contradictorily, to subsume the various spheres of social life, at the same time that allows and requires the *autonomization* of each of these spheres. Accordingly, we focused on the relationship between the generalization of the school form and of the commodity form, in the light of a trend - characteristic of the capitalist social formation - of *subjectivation* of the forms and *reification* of the contents, which corresponds to the concept of capital's *fetishism*. We seek to denaturalize the school form through the study of its historical process of constitution, with emphasis on some specific moments, as the state's reaction to the anarchist struggles in the early twentieth century, and the subsequent educational reforms of the 1920s. We analyze the growing importance of the school in the formation of the mass of salaried workers, reified by the condition of *sellers of its workforce*, but also as *subjects of law*. Thus, we were conducted to address the imbrication between the school form and the Law, based on mercantile relations, on private property, and on the process of expropriation of workers as a product of the accumulation of capital. Internally to school, we investigate the incorporation of *abstract time*, as well as the development of the *division of labor*, the *didactics*, and *disciplinary forms*, all this in conjunction with trends of rationalization, of development of the productive forces and the resulting work simplification. From that becomes explicit the prevalence of the *form* over the *formation*, as a tendency inherent to the capitalist mode of educating. Moreover, we treat briefly of some distinctions between the processes of schooling for wealthier strata of the population and the bulk of the working population, the result of the cleavage between public and private schools, also based upon property relations. Finally, without denying the relevance of the historical struggles aiming the universalization of the right to the education and better schooling conditions for the working population, we emphasize the risks of limiting the struggles to the institutional frameworks, arguing that when unaccompanied of the construction of autonomous educational experiences, and therefore deprived of a tactical character, such struggles lead to an undermining of the revolutionaries potentials of the organization of the workers.

Keywords: History of Education, Capitalism, School, Social Form, Law, Fetishism